



Perspectives on Global Development 2010: Shifting Wealth

Summary in Portuguese

Perspectivas sobre o Desenvolvimento Mundial 2010: Deslocação da Riqueza

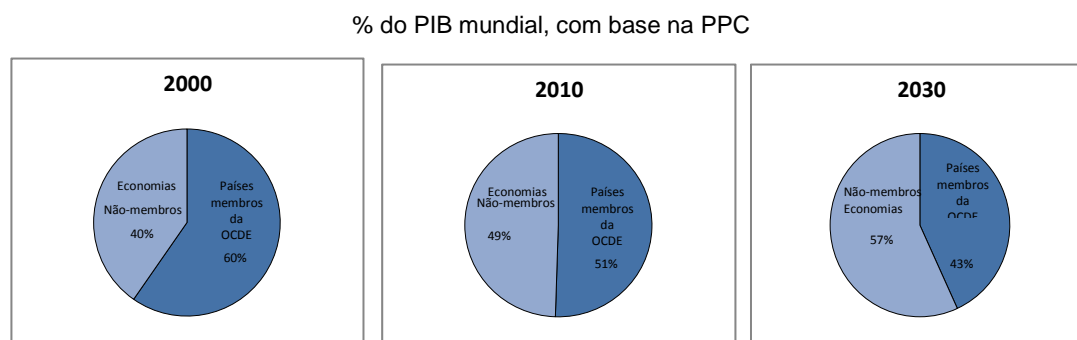
Sumário em Português

- *Deslocação da Riqueza* é a primeira edição de *Perspectivas sobre o Desenvolvimento Mundial*, uma nova publicação anual do Centro de Desenvolvimento da OCDE.
- *Deslocação da riqueza* examina as dinâmicas em alteração da economia mundial nos últimos 20 anos e, em particular, o impacto do que o crescimento económico dos grandes países em vias de desenvolvimento, como a China e a Índia, tem nos países pobres. Apresenta pormenorizadamente os novos padrões nos activos e fluxos da economia mundial e sublinha o reforço das ligações “Sul-Sul” – as crescentes interações entre os países em vias de desenvolvimento através do comércio, ajuda e investimento directo estrangeiro.
- O que implicam estas alterações para o desenvolvimento e política de desenvolvimento? O relatório explora respostas de política potenciais, tanto ao nível nacional como internacional. A nível nacional, os países em vias de desenvolvimento necessitam reposicionar as suas estratégias de desenvolvimento para capitalizar o crescente potencial da cooperação Sul-Sul e para tirarem total proveito dos indicadores macroeconómicos. A nível internacional, a arquitectura da governança mundial necessita ajustar-se para melhor reflectir os actuais pesos económicos.

Em 2009, a China tornou-se o parceiro comercial líder do Brasil, Índia e África do Sul. A multinacional indiana Tata é actualmente o segundo investidor mais activo na África subsaariana. Mais de 40% dos investigadores mundiais encontram-se agora na Ásia. Em 2008, os países em vias de desenvolvimento detinham 4.2 biliões de Dólares Americanos de reservas em moeda estrangeira, mais de uma vez e meia o montante detido pelos países ricos. Estes são apenas alguns exemplos de uma transformação estrutural de 20 anos da economia mundial na qual o centro de gravidade económico mundial se movimentou em direcção ao Oriente e Sul, dos membros da OCDE para economias emergentes, um fenómeno que neste relatório é chamado “deslocação da riqueza”.

As *Perspectivas sobre o Desenvolvimento Mundial* mostram como os países em vias de desenvolvimento se tornaram actores económicos importantes e demonstra o dinamismo das novas ligações económicas Sul-Sul. Embora o processo tenha decorrido durante 20 anos, as oportunidades e riscos para os países pobres que a deslocação da riqueza apresenta, apenas agora começam a ser compreendidos.

Figura 0.1: Parte da economia mundial em termos de paridade do poder de compra



Nota: Estes dados aplicam-se às previsões de crescimento a longo prazo de Maddison da sua PPC histórica - baseados nas estimativas para os 29 países membros da OCDE e para as 129 economias não-membros.

Fonte: Os cálculos do autor baseiam-se na Maddison (2007) e Maddison (2010).

As economias não-membros da OCDE aumentaram marcadamente a sua parte de produto líquido mundial desde 2000, e as previsões são de que esta tendência irá continuar (Figura 0.1). Este reajuste da economia mundial não é um fenómeno transitório, mas representa uma mudança estrutural com significado histórico.

O que significa o forte crescimento dos grandes países emergentes para o nosso raciocínio sobre desenvolvimento? Como podem os países capitalizar através da intensificação de ligações com o mundo em vias de desenvolvimento? Poderão as lições dos países emergentes ser replicadas para os países que ainda são pobres? O que significa a nova geografia económica para a governança mundial? Neste relatório, são tratadas estas questões observando o processo de convergência e o seu impacto macroeconómico; de que forma tal está a fomentar maiores interações Sul-Sul e os desafios de distribuição que o crescimento pode colocar.

Passar a uma velocidade superior num mundo a quarto velocidades

Já não é suficiente simplesmente dividir o mundo entre Norte e Sul, países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento. Para se compreender a complexidade da mudança de velocidades, este relatório retoma e desenvolve o conceito de James Wolfensohn de um mundo a “quatro velocidades”. Tal divide o mundo em países Ricos, Convergentes, Lutadores e Pobres consoante o seu rendimento e taxa de crescimento per capita relativamente ao mundo industrializado. Este quadro revela uma nova geografia do crescimento mundial, expondo a heterogeneidade do Sul: alguns países em vias de desenvolvimento estão a começar a ajustar-se ao nível das condições de vida dos ricos, outros lutam para passar a um rendimento-médio “tecto invisível”, e outros ainda continuam a sofrer sob o peso da pobreza extrema.

Sob esta perspectiva emergem dos períodos de tempo distintos em termos de desempenho de crescimento. Para muitas economias em vias de desenvolvimento, a década de 1990 foi mais uma “década perdida”, dificultada por crises

financeiras e instabilidade (Figura 0.2). Em particular, duas regiões não conseguiram reconstruir as suas fortunas económicas: o crescimento latino-americano respondeu apenas de forma deficiente às reformas e a África Subsaariana continuou a estagnar.

Figura 0.2: O mundo a quarto velocidades nos anos 1990

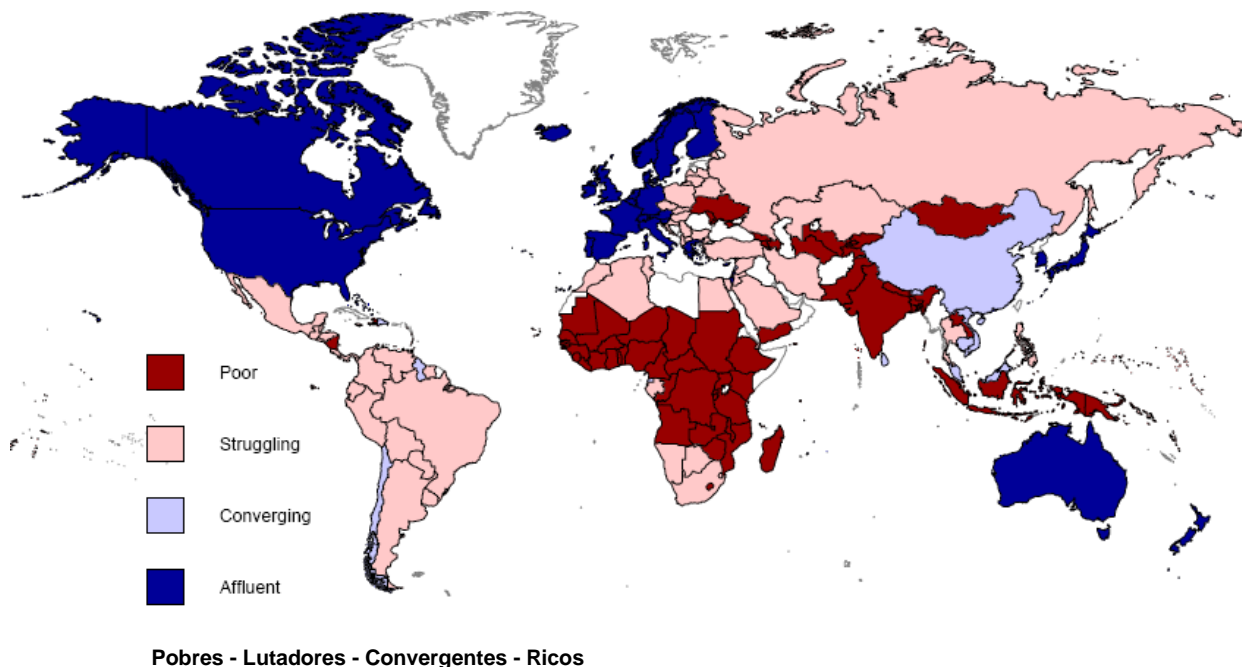
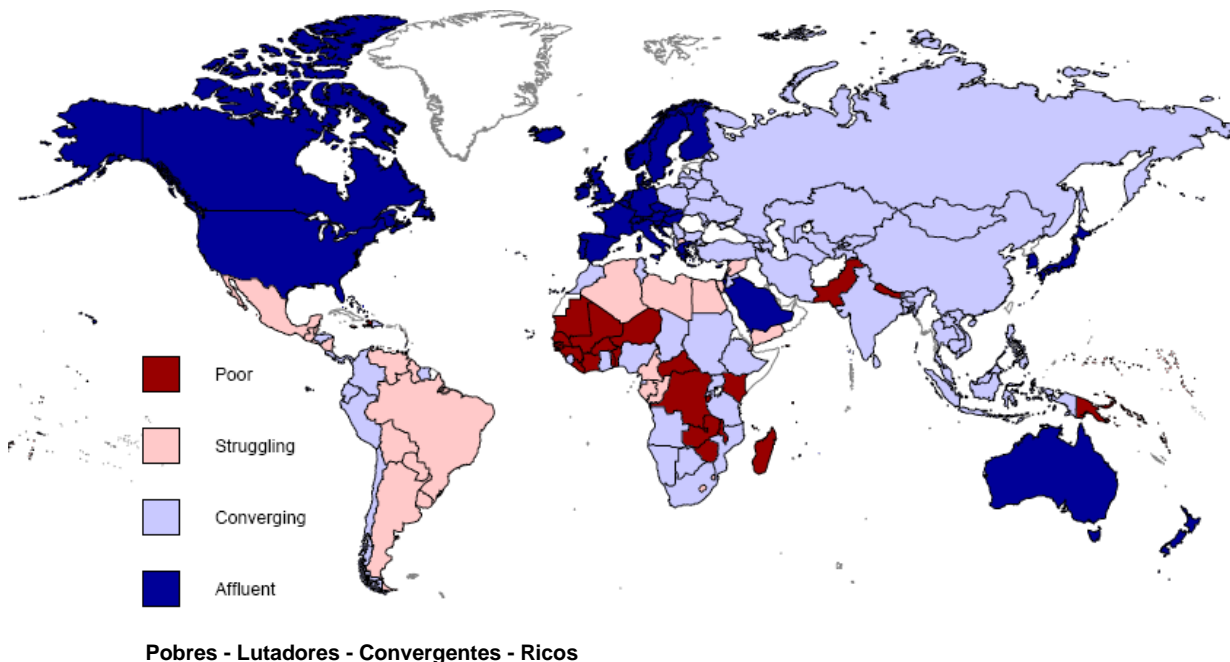


Figura 0.3 O mundo a quarto velocidades na década de 2000



Nota: Ver Capítulo 1 para uma descrição detalhada da classificação usada para os países.

Fonte: Cálculos do autor baseados no Banco Mundial (2009).

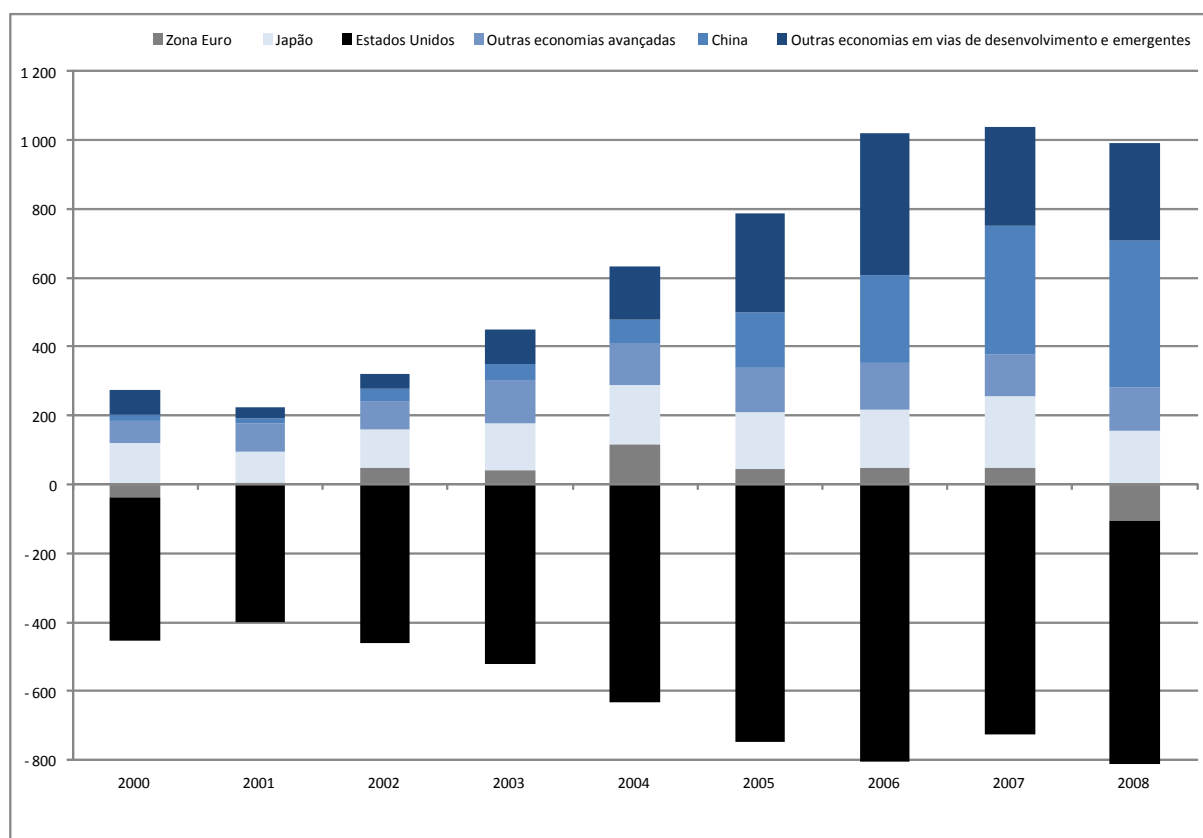
Na década de 2000, as coisas avançaram e a maior parte do mundo em vias de desenvolvimento gozou da sua primeira década de forte crescimento em muitos anos (Figura 0.3). O novo milénio assistiu a uma retoma – pela primeira vez desde a década de 1970 – de uma tendência rumo a uma forte convergência nos rendimentos per capita com os países de elevado rendimento. O número de países convergentes (ou seja, países que duplicam o crescimento médio per capita dos países da OCDE de elevado rendimento) mais que quintuplicou durante este período (de 12 para 65), e o número de países pobres diminuiu para menos de metade (de 55 para 25). A China e a Índia cresceram três a quatro vezes mais que a média da OCDE durante a década de 2000. No entanto, tem havido uma grande diversidade de rendimentos e um grupo de países lutadores e pobres continua a apresentar resultados *underperform*.

Compreender a macroeconomia da deslocação da riqueza

Quais os factores que sustentam o reajuste? Em primeiro lugar, a abertura de das grandes economias anteriormente fechadas como a China, Índia e a antiga União Soviética trouxe um choque de oferta para o mercado de trabalho mundial. Na década de 1990, mais 1.5 mil milhões de trabalhadores se juntaram à economia orientada para um mercado aberto. Tal reduziu o custo de uma série de mercadorias e serviços comercializados e tornou possível a descolagem numa série de países convergentes, principalmente na Ásia. Em segundo lugar, o crescimento nos países convergentes fomentou a procura de muitas matérias-primas, especialmente combustíveis fósseis e metais industriais, transferindo a riqueza para os exportadores de matérias-primas e proporcionando um fomento imediato ao crescimento em toda a África, Américas e Médio Oriente. Em terceiro lugar, muitos países convergentes passaram de devedores líquidos a credores líquidos, mantendo as taxas de juro dos EUA e mundiais mais baixas que estariam se assim não fosse.

Figura 0.4: Desequilíbrios mundiais na conta corrente

Mil milhões em actuais Dólares Americanos



Nota: Os dados para 2008 são estimativas (excepto no caso do Japão e dos Estados Unidos).

Fonte: FMI (2010).

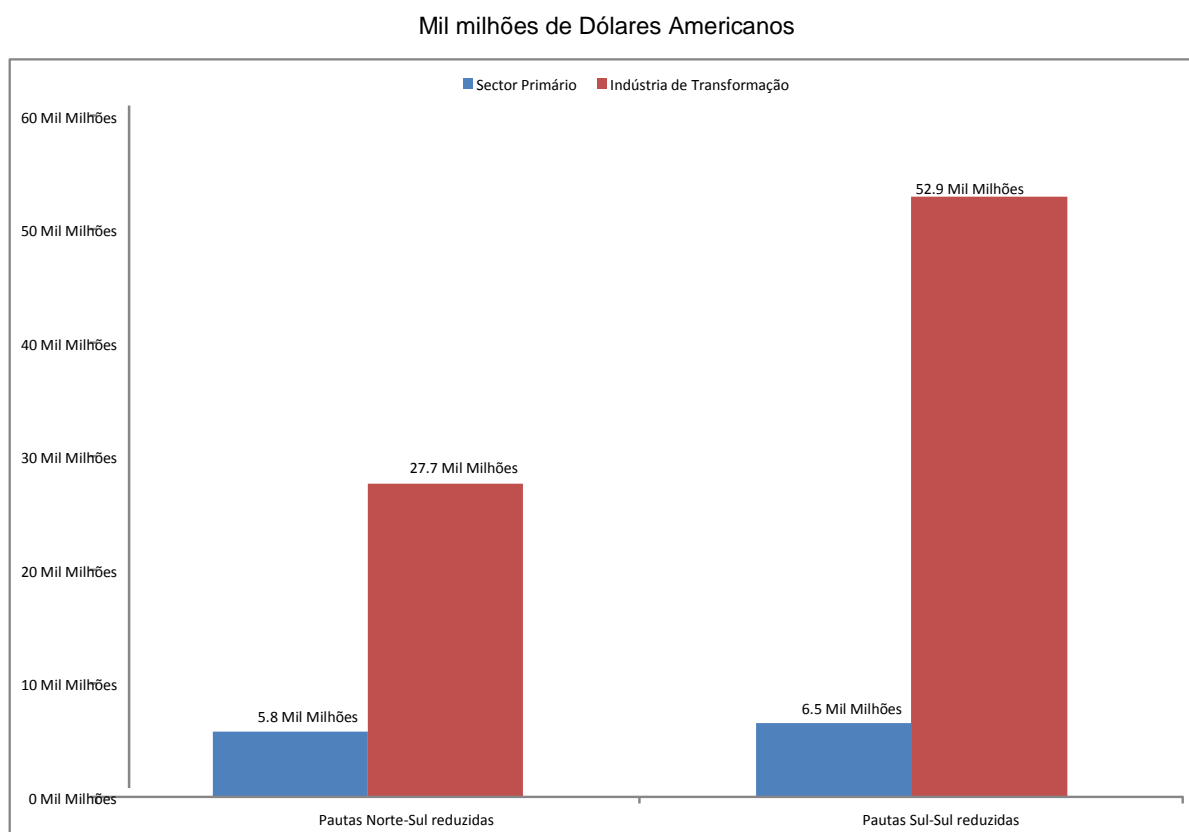
À medida que estes processos aceleravam, os desequilíbrios mundiais aumentavam bruscamente (Figura 0.4) o que levou alguns observadores a requerer uma apreciação da moeda chinesa, o Renminbi. No entanto, uma apreciação rápida e prematura pode prejudicar o crescimento chinês e, por extensão, alguns parceiros económicos da China, incluindo muitos países que já desceram para as categorias “lutadores” e “pobres” do mundo a quatro velocidades. A um nível mais profundo, os desequilíbrios reflectem questões estruturais e abordá-las pode requerer alterações sociais profundas na China de forma a estimular o consumo.

A China, Índia e, cada vez mais, outros grandes países convergentes se preocupam com a elaboração de políticas à medida que formatam o contexto macroeconómico mundial. A política de desenvolvimento será incompleta sem uma avaliação do seu crescimento, impacto competitivo mutante, procura interna e as finanças que podem disponibilizar.

A crescente importância do Sul para o Sul

Os canais directos de interacção entre os gigantes emergentes e os países pobres – como o comércio, investimento directo estrangeiro (IDE) e ajuda – têm-se intensificado. É provável que esta tendência continue. Entre 1990 e 2008 o comércio mundial expandiu quase quatro vezes mais, mas o comércio Sul-Sul multiplicou-se mais de dez vezes. Os países em vias de desenvolvimento representam agora cerca de 37% do comércio mundial, com os fluxos Sul-Sul a recuperar cerca de metade desse total. Este comércio poderia ser um dos principais motores de crescimento na próxima década, especialmente se forem seguidas as políticas correctas. Nas simulações efectuadas pelo Centro de Desenvolvimento da OCDE, se os países do sul reduzissem as suas pautas no comércio do Sul para os níveis aplicados entre países do Norte, garantiriam um ganho de bem-estar de 59 mil milhões de Dólares Americanos (Figura 0.5). Tal vale quase duas de vezes mais que uma redução semelhante nas pautas do seu comércio com o Norte.¹

Figura 0.5: Ganhos potenciais com a liberalização do comércio Sul-Sul



Nota: Encerramento não-padrão, pressupõe excedente laboral no Sul. Consultar o Capítulo 4 para mais detalhes.

Fonte: Os cálculos do autor baseiam-se em *Center for Global Trade Analysis* (2009).

O IDE Sul-Sul também aumentou. A China é o maior país em vias de desenvolvimento investidor externo com um *stock* de investimento estimado em mais de 1 bilhão de Dólares Americanos. No entanto, o fenómeno é mais amplo, com a crescente actividade de muitas empresas no Brasil, Índia e África do Sul, bem como novos investidores externos mais pequenos de países como o Chile e Malásia. O investimento Sul-Sul tem um enorme potencial inexplorado para os países de baixo rendimento. É mais provável que, por exemplo, as multinacionais do Sul invistam em países com um nível de desenvolvimento semelhante ou mais baixo, uma vez que muitas vezes possuem tecnologia e práticas comerciais ajustadas aos mercados de países em vias de desenvolvimento.

Deslocação da riqueza e redução da pobreza

A deslocação da riqueza tirou muita gente da pobreza no mundo em vias de desenvolvimento. A pobreza na China desceu de 60% da população em 1990 para 16% em 2005. O número de pessoas pobres em todo o mundo baixou de 120 milhões na década de 1990 e cerca de 300 milhões na primeira metade da década de 2000. A contribuição do crescimento para a redução da pobreza varia extremamente de país para país, devido, em grande parte, às diferenças de distribuição entre estes. Em muitos casos, o crescimento tem sido acompanhado por um aumento de desigualdade, complicando o desafio da redução da pobreza. Níveis de desigualdade elevados poderiam minar o crescimento e, em última instância, a sustentabilidade da deslocação.

Os elaboradores de políticas deveriam ter em especial atenção a desigualdade de rendimentos, tanto para o seu bem como porque influencia muito o “dividendo de redução da pobreza” do crescimento. A política social pode ser um meio potente através do qual se pode limitar a desigualdade de resultados.

O crescimento tecnológico divide o mundo em quatro velocidades

Houve uma deslocação massiva da capacidade de fabricação dos membros da OCDE para o mundo em vias de desenvolvimento, especialmente para a Ásia Oriental. Alguns países em vias de desenvolvimento participaram e beneficiaram desta reorganização de cadeias de valor mundiais; muitos outros foram marginalizados. As deslocações são igualmente evidentes na distribuição da capacidade tecnológica, reflectidas na crescente quantidade de investigação e Desenvolvimento (I&D) levados a cabo no mundo em vias de desenvolvimento – uma actividade tradicionalmente concentrada na Europa, Japão e estados Unidos. As multinacionais líderes mundiais, atraídas por mercados que se expandem rapidamente e pela disponibilidade de investigadores e infra-estruturas de investigação de “baixo custo”, aumentaram as suas bases de I&D em países de rendimentos baixos e médios. Fala-se até de um novo modelo de negócio que emerge do mundo em vias de desenvolvimento, envolvendo “inovação frugal” – concebendo não apenas produtos mas processos de produção completos para responder às necessidades dos mais pobres.

Uma das preocupações é a crescente separação tecnológica entre os países em vias de desenvolvimento que são capazes de inovar e os que parecem não ser. A inovação não é automática; os países que têm sido proactivos em termos de implementar uma estratégia de inovação nacional têm, geralmente, mais sucesso.

Respostas individuais dos países

As estratégias de desenvolvimento nos países em vias de desenvolvimento precisam ser adaptadas de forma a aproveitar as oportunidades da deslocação da riqueza. As políticas nacionais deveriam:

- promover o investimento directo estrangeiro Sul-Sul, aprender com os exemplos de sucesso de Pólos Industriais e Zonas de Processamento de Exportação e utilizar as ligações de investimento para alcançar a actualização tecnológica através de sistemas de inovação nacionais;
- garantir políticas de gestão de rendimento adequadas em economias ricas em recursos e contemplando a utilização de fundos de riqueza soberana para acalmar o consumo e os recursos de canal para promover o crescimento e o investimento na economia interna;
- responder à crescente procura de exportações agrícolas e crescente pressão no solo arável através de estratégias para melhorar a produtividade agrícola, um maior apoio a I&D e serviços de extensão, e igualmente através da transferência tecnológica Sul-Sul;

- implementar políticas de crescimento pró-pobre, concentrando-se em fornecer mais e melhores empregos e melhorando protecção social através de maior desenvolvimento e repetição de inovações sociais como as transferências condicionais de dinheiro;
- expandir a aprendizagem pelos pares Sul-Sul de forma a ajudar na elaboração de políticas baseadas em experiências de sucesso no Sul.

Respostas colectivas à deslocação da riqueza

A nova configuração da economia mundial e o poder político significam que os países ricos já não podem estabelecer a agenda sozinhos. Os problemas do mundo estão cada vez mais a tornarem-se mundiais, e se não se solucionam, então a responsabilidade e as soluções terão de ser partilhadas. Está a emergir uma nova arquitectura para a governança mundial de forma a reflectir as realidades económicas. O papel pós-crise do G-20 mostra o quanto os poderes convergentes se estão a tornar cada vez mais em protagonistas importantes na governança mundial. Este é um desenvolvimento positivo. Devem ser apoiados os esforços no sentido de tornar todas as instituições de governança mundial mais inclusivas e representativas.

Em negociações internacionais, a nova configuração da economia pode abrir espaço para novas coligações estratégicas entre países em vias de desenvolvimento. Podem ser assegurados muitos benefícios através da cooperação entre países em vias de desenvolvimento, especialmente em áreas de comércio e transferência tecnológica.

Deslocação da riqueza: uma situação com benefícios mútuos?

Embora muitos observadores possam ver as tendências aqui descritas como uma ameaça, este relatório é formulado em termos bastante diferentes. Em vez de se ver o “levantamento do resto” como “declínio do Ocidente”, os elaboradores de políticas deveriam reconhecer que os ganhos líquidos da crescente prosperidade no mundo em vias de desenvolvimento podem beneficiar tanto os países ricos como os pobres. Melhorias na gama e qualidade de exportações, maior dinamismo tecnológico, melhores perspectivas de fazer negócio, uma base de consumo mais ampla – todos estes factores podem criar benefícios de bem-estar substanciais para o mundo inteiro.

Ou seja, não recusar os desafios. A sustentabilidade ambiental, os crescentes níveis de desigualdade entre os países e a crescente concorrência são três questões importantes levantadas pela deslocação da riqueza. As dores de parto desta nova ordem económica mundial foram igualmente acompanhadas por desequilíbrios mundiais enormes. Estes desafios apareceram em primeiro plano durante a crise económica, mas têm-se criado ao longo das últimas duas décadas. Apesar destes desafios, este relatório defende que o quadro geral é positivo para o desenvolvimento.

Referências

CENTER FOR GLOBAL TRADE ANALYSIS (2009), *Global Trade, Assistance, and Production: The GTAP 7 Data Base*, Purdue University.

IMF (2010), *World Economic Outlook*, International Monetary Fund, Washington D.C, April.

MADDISON, A. (2007), “Chinese Economic Performance in the Long Run”, *OCDE Development Centre Studies*, OCDE Development Centre, Paris.

MADDISON, A. (2010), *Statistics on World Population, GDP and Per Capita GDP, 1-2008 AD*.
www.ggdc.net/maddison.

WORLD BANK (2009), *World Development Indicators database* (CD-ROM), The World Bank, Washington D.C.

© OECD 2010

Este sumário não é uma tradução oficial da OCDE.

A reprodução deste sumário é permitida desde que sejam mencionados o copyright da OCDE e o título da publicação original.

Os sumários multilingües são traduções dos excertos da publicação original da OCDE, publicada originariamente em Inglês e Francês.

Encontram-se livremente disponíveis na livraria on-line da OCDE

www.oecd.org/bookshop/

Para mais informações, entre em contato com a OECD Rights and Translation unit, Public Affairs and Communications Directorate.

rights@oecd.org

Fax: +33 (0)1 45 24 99 30

OECD Rights and Translation unit (PAC)

2 rue André-Pascal

75116 Paris

França

Visite nosso sítio www.oecd.org/rights/



¹ Tal implica manter as pautas Sul-Sul aplicadas aos níveis actuais, mas reduzindo as pautas recíprocas Norte-Sul aos níveis que prevalecem no comércio Norte-Norte.